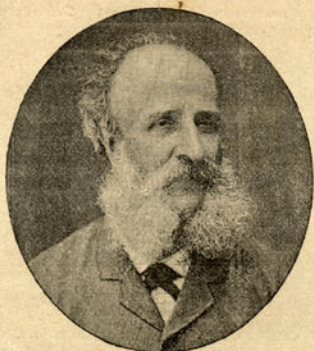
A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 29 | Domingo 16 de julho | 1893

Francisco da Fonseca Benevides

TODOS o conhecem.

E' uma individualidade, tão caracteristica, tão defenidamente traçada, que basta o seu nome para dizer tudo.

Sou dos ultimos a quem competia medir tão elevada estatura, a quem competia esboçar a silhouette de tão distincto vulto.

Mas um pedestal modesto, simples, sem rendilhados, fica harmonico com o busto.

As linhas sinceras e francas d'este corpo, só deixam realçar o rosto expressivo, scintillante, onde pullula uma intelligencia de primeira ordem, onde se lê uma bondade sem egual.

Reunindo ás bonissimas qualidades de um caracter impolluto, o valor e o merito, como homem de sciencia, é uma gloria do paiz, é um benemerito do ensino, é uma individualidade dos nossos dias.

Todos o conhecem, todos o respeitam.

Poucos homens como Francisco da Fonseca Benevides teem o condão de conhecer tão profundamente o meio em que vive.

Lucta, lucta muito e bem, destruindo com um sorriso qualquer contrariedade, desfazendo todas as duvidas com duas palavras, ao mesmo tempo que consulta o relogio e segue por essas ruas, com um gracioso hochement, prazenteiro e feliz.

Benevides adora o tempo e ninguem como elle sabe desempenhar todos os seus deveres, com a mais rigorosa pontualidade.

Lente da escola naval, lente e director do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, membro de varias commissões, sobra-lhe o tempo, após as suas lições sobre a sciencia que tem por patronos Krupp, Armstrong, Bange, Hothschiss e outros, para offerecer a outros ramos da sciencia os seus inventos, os seus livros e as suas prelecções eruditas; para offerecer ás lettras estudos e investigações utilissimas e á arte o culto mais enthusiastico, a veneração mais pura.

E' este espirito grandioso, este trabalhador indefesso, o primeiro, repito, a cumprir brilhantemente tão variadissimos encargos, que dariam tarefa para muitos, lá tem na distribuição methodica, pautada, e regular do tempo, tempo para ser o frequentador mais apaixonado e entendido do nosso theatro lyrico.

A arte em todas as suas variadas concepções, encontra no organismo poderoso de Benevides a corda mais tangivel, as vibrações mais sonoras.

E' um artista, é uma individualidade.

E, quando aos largos dias de labor, succedem os de descanço, tambem sabe descançar.

Ao seguirmos a estrada de Campolide, á esquerda, encontra-se uma pequenina casa fechada por um gradeamento e forrada de roseiras.

O ar é puro, a paizagem larga; pois é alli, n'aquelle pequeno ninho, banhado pelo immenso azul, onde se reflecte a mais bella luz de um sol peninsular, que elle descança, no doce convivio com as rosas e com a familia.

Trinta e oito annos de magisterio não fizeram ainda vergar aquella constituição robustissima, nem destruir uma linha áquella figura irreprehensivelmente distincta.

Decorridos largos annos de tão largo labor, quando

para muitos estaria iniciado o periodo de descanço, eis que resurge a epocha, em que se evidenceia do modo mais brilhante, prestando ao paiz serviços que nunca serão esquecidos, nos quaes revelou a competencia mais perfeita, a orientação mais pura e a auctoridade mais forte.

O longo somno de muitos annos em que se encontrou o paiz, alheio á grande revolução do ensino industrial, realisada nos estados mais adiantados, terminou um dia.

A luz radiou, a escola appareceu.

Antonio Augusto d'Aguiar, esse athleta da sciencia, que sabia elevar-se ás culminancias do saber, e descer ás mais modestas necessidades do ensino; esse talento, maleavel como o oiro, reluzente como o diamante, creou as escolas industriaes, arrancando as classes trabalhadoras á apathia, ás trevas onde jaziam, tão negras, tão mortiferas, como as galerias de White-Haven.

O pensamento do grande estadista encontrou no professor Benevides o auxiliar mais dedicado.

Inspector das escolas industriaes da circumscripção do sul desde a sua fundação, desenvolveu no desempenho de tão complexo cargo a maior actividade.

Foi elle o collaborador da organisação da grande officina, foi elle com o seu espirito pratico e scientifico que animou a obra do grande mestre.

Acompanhando de perto a evolução do ensino profissional, foi aos grandes centros colher as melhores lições e conseguiu em breve tempo a mais extraordinaria revolução, que em materia de ensino, se tem dado nos ultimos tempos em Portugal.

Quem conhece de perto o estado decadente do nosso ensino, e quem de bem perto conhece a obra gigante de tão incansavel obreiro, é que avalia o serviço grandioso que prestou ao ensino das artes industriaes.

Quem visitar a galeria das escolas da exposição industrial dos Jeronymos, encontra vigorosos traços da orientação do illustre professor.

As lições dadas pela Allemanha, Inglaterra, França e outros paizes, e principalmente pelos Estados Unidos da America do Norte, que definiram de um modo positivo o seu progresso nas artes industriaes, pelo cuidado incessante que lhes tem merecido o ensino profissional, remodelado n'um periodo que pouco mais attinge de quarenta annos, foram sabiamente seguidas pelo professor Benevides.

Houve uma data em que trajaram lucto as escolas industriaes do sul, e quem sabe se aquelle grande espirito, no primeiro instante de repouso de tão immensa tarefa, não teve tambem uma lagrima de saudade.

A politica não tem podido empolga-lo, alheio ás luctas dos partidos, não teve até hoje a gloria de representar um circulo, não ouviu ainda os foguetes de qualquer aldeia nem os repiques do campanario festejando o seu eleito.

As suas dragonas de official da armada refulgiram pouco tempo na ponte de um navio; a sciencia absorveu-o fazendo d'elle um dos seus mais dilectos cultivadores.

Ha muito me habituei a chamar-lhe mestre e amigo; ao que, porém, não tenho podido habituar-me é a chamar-lhe — *Conselheiro.*

C. A. MARQUES LEITÃO.

No proximo numero, medalhão do actor Taborda. Artigo de Alberto Pimentel.

POLITICA SEM POLITICA

Na Camara dos Dignos Pares, o sr. Cypriano Jardim, zangado por causa de uma representação menos governamental da Associação Commercial, apresenta uma proposta, ou cousa similhante, para que certos fornecimentos se façam no estrangeiro, por ser mais barato e melhor.

O sr. Polycarpo Anjos assegura que o commercio não é responsavel pelas phrases da Associação e pede ao seu collega que retire a sua proposta.

O sr. Jardim insiste.

O sr. ministro da guerra procura convencer o mesmo proponente.

O sr. Jardim resiste.

Terceiro pedido, quarto pedido, quinto pedido — nada! Mas finalmente ao sexto, o sr. Cypriano Jardim cede e retira a proposta.

Ora, como no *pão quente* — se a proposta era bôa, porque a retirou, se era má porque a apresentou?!

*

Na Camara dos Senhores Deputados protesta-se contra o jantar de Badajoz... tres semanas depois.

Ora, tambem como no *pão quente*—se o jantar foi traição, porque se não protestou logo, se não foi, porque se protestou hontem?!

*

Na imprensa, os dois Rotchilds dos *dezreisinhos* o *Diario de Noticias* e o *Seculo*, estão de accordo em não dar noticias de suicidios, mas cada um quer que o outro comece... a não dal-as.

E ainda aqui, mais uma vez como no *pão quente* — se se não devem dar essas noticias, porque não pode cada um por si resolver não dal-as, e se não ha inconveniente,

para que discutem saber qual dos dois tem *theoricamente* uma comprehensão mais moral da missão jornalistica e do desapego aos chamados *dezreisinhos*, com que o publico recompensa as noticias sensasionaes?!

Impoliticus.

CHRONICA ELEGANTE

Regressou sexta-feira a Lisboa, depois de dois mezes de ausencia na Italia, em França e em Hespanha, Sua Magestade a Rainha a Sr.ª D. Maria Pia, acompanhada de seu augusto filho, o Sr. Infante D. Affonso.

As homenagens prestadas á excelsa Princesa, não só pelos soberanos de Italia e de Hespanha, mas ainda pelo illustre chefe d'estado da Republica franceza, e o acolhimento feito á mesma Senhora pela imprensa estrangeira, são motivo para nosso sincero regosijo, por isso que d'essas demonstrações de sympathia e de respeito participa todo o paiz.

O regresso de Sua Magestade constituiu, pois, como não podia deixar de ser, um dia de jubilo nacional. E esse mesmo sentimento devia animar o coração de Sua Magestade, que tem pelo povo portuguez o mais entranhado affecto e a cujo destino se tem vinculado por actos de evangelica bondade, quando, nos transes dolorosos que o paiz tem atravessado, ella acode solicita e pressurosa, para mitigar desgraças e enxugar com mão piedosa as lagrimas do infortunio.

Como uma celebre rainha de França, ao vêr chorar lagrimas de gratidão aos desventurados que soccorria, a Senhora D. Maria Pia póde tambem exclamar:

—*Mon vrai collier de perles ce sont les larmes que je fais répandre!*

Na estação do Rocio era Sua Magestade esperada por Suas Magestades El-Rei e a Rainha, pelos membros do ministerio, altos dignitarios do Paço, officiaes superiores do exercito e da armada, etc. E desde a porta da estação, em todas as ruas por onde a Senhora D. Maria Pia passou, ao dirigir-se ao Paço da Ajuda, se agglomerava o povo, abrindo alas respeitosas e saudando a augusta Rainha, que correspondia com o mais gracioso e mais jubiloso sorriso.

Felicitamos respeitosamente Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia e seu augusto filho, o Senhor Infante D. Affonso, pelo seu feliz regresso.

GRAZIEL.

CANCIONEIRO DE CINTRA

São numerosos os poetas que tem cantado Cintra, uns dedicando-lhe especialmente as suas composições, algumas d'ellas bastante extensas, outros como Garrett e como Byron, consagrando-lhe, nos seus poemas, uma nota de enthusiasmo e de saudade.

Colleccionamos hoje alguns d'esses cantos, contribuindo assim modestamente para a formação d'um *Cancioneiro de Cintra*. Estamos persuadidos que, ampliando esta ideia, se poderia realisar um lisongeiro *florilegio* poetico, enfeixando em volume as poesias portuguezas, em que se celebram os primores e as bellezas pittorescas de alguns dos sitios mais encantadores de Portugal, como Coimbra, o Bussaco, o Douro, o Tejo.

Os authores, que entram hoje na nossa anthologia, com excepção de Julio de Castilho, o brioso herdeiro d'um grande nome, são pouco conhecidos, embora um d'elles, Sant'Anna e Vasconcellos, já gozasse á farta as auras da popularidade, e tivesse sido, alguma vez, o heroe do dia. Pinto Ribeiro, era um poeta portuense, que nos deixou dois volumes de versos, *Espinhos e Flôres* e *Corôas Fluctuantes*, que sobresaem pelo esmero da forma e pela belleza da linguagem, e que lhe dão um logar distincto a par de Alexandre Braga e Soares de Passos.

I

EM CINTRA

Principes, monges, poetas,
Remos do mesmo baixel,
Guerreiros e anachoretas,
Namorados do burel,
N'esta austera soledade
A voz, grave de verdade,
De Pythagoras prendeu,
Um na patria meditando,
Outro a verdade buscando,
Este o amor, aquelle o ceu.

Tristes e lassos da lucta
Aqui buscaram, eguaes,
Uns a cela, outros a gruta;
Todos da luz os umbraes;
D'aqui grandes e abraçados
Aos sonhos d'oiro sonhados
N'estes ermos alcantís,
No infinito se lançaram
E o logar vago deixaram
Ao que quizer ser feliz.

II

O' Cintra! teus castellos e palacios
D'altas janellas, graves de lavores,
A inconstancia de tudo patenteam!
Oh! que eterno theatro de contrastes
Que és, Cintra genial, Cintra saudosa!
Onde se foram as gentis donzellas
D'olhos de diamante e tez morena,
Que troavam, por noites de folguedos,
Co'a zambra folgazã, volupiosa
Os ladrilhos sonoros d'estas salas,
Que, borbolhando, a lympha refrescava
E embalsamava o grato odor das flôres?

Onde os bôdos, os autos, os torneios
E toiradas? aonde os cavalleiros
Alardeavam suas gentilezas
Na edade em que o faizão se empoleirava
Nos róseos dedos, onde só se poisam
Méllicos beijos hoje e em noites claras
Em redor das ameias dos castellos
Sylphos, ondinas, gnomos, salamandras,
Se viam revoar? ai, findo é tudo!
Dir-se-hia que algum mago capricha
Em dar-te a cada instante um novo aspecto;
Juntos crescente e cruz — grata alliança! —
Em luminoso abraço, aqui diffundem
Primores d'arte, a mil, por toda a parte.
Tem as negras sasanas o deus Siva
Onde Cynthia inda vê votivas lapides;
A ermida christã ri á mesquita
E o banho arabe zomba e cospe insultos
Na larga calva do romano banho;
O castello que viu sangrentas guerras,
A par d'outro que é só sagrado ás artes,
E que postos nos pincaros da serra
Parecem renovar a infausta lucta
Qne nas nuvens outr'ora pelejaram
O anjo das trevas e da luz o anjo!
E não mui longe dos vergeis, aonde
Vasto palacio oriental pompêa,
Testemunha de lagrimas e amores,
De vaidades, de crimes e venturas,
Humilde conventinho de cortiça,
Que, ás noites, tinge a furto a vaga lua
D'um reflexo de perola! — tranquillo,
Fragil ninho d'espiritos, colmêa
Das abelhas de Deus abandonada!

(*Corôas Fluctuantes*) J. Pinto Ribeiro.

III

Á ROCHA DA PENA

O' gigante, desprende em torrentes
Tuas cinzas d'extincto vulcão,
Que o propheta nas lavas ardentes
Quer fundir as do seu coração!

O' gigante, revela ao poeta
Os segredos que o fogo queimou,
Esse amor restitue-me, ó athleta,
Que a procella voraz me roubou!

Oh! não queiras, por Deus, toda a vida
O mysterio no seio encerrar,
Qual conchinha limosa, escondida
Nos abysmos cavados do mar...

Pois não pódem vulcões occultar-m'o,
Eu bem sei que esse amor é só meu:
Oh! não queiras, não tentes roubar-m'o,
Foi um anjo do ceu que m'o deu!

Oh! não vás requeimar-me na chamma
Illusões d'infeliz trovador;
Deixa á lyra que os hymnos derrama
Entoar mais um canto d'amor!

Que eu depois, qual antiga legenda,
Que ao moimento ficou no Egypto,
Eu virei entalhar-te uma offerenda
Nas espaldas do escuro granito!

(*Patria e Amôr*) J. A. Sant'Anna e Vasconcellos.

IV

SALVÉ, Ó CINTRA

Hontem á noite a serra, a serra umbrosa, extensa,
punha-me n'alma oppressa uma tristeza immensa!
Dos cumes, do luar, das arvores, do céo,
desciam sobre mim como as sombras de um veu.
A noite amena, estiva, os sons da immensidade,
— oh deixae-me dizel-o! — a saudade, a saudade,
da briza ardente e vaga as caricias sutís,
e a nocturna mudez (mudez que tanto diz!)
embalavam minha alma em nuvens de poesia;
transportavam-me aos céos da metrica harmonia.
Mudo, á janella, estranho ao mundo, alheio á voz,
conversava co'a serra; entendia-lhe a voz.
Vinha em baldе o piano a chamar-me, a inspirar-me,
e eu em mim me buscava e não sabia achar-me.

FOLHETIM

UMA FLOR D'ENTRE O GELO

IV

Jacob Granada não perdia um só d'esses movimentos: seguia-os com avidez.

Uma poderosa fascinação parecia ter-se apoderado d'elle.

Dir-se-hia arrebatado em extasis de fervoroso culto.

Não seriam pois infundadas as innocentes allusões, que a tolerancia sem exemplo do velho doutor para com Valentina havia suscitado?

Rebentariam emfim os affectos d'aquelle terreno arido? Agora, que as neves da velhice lhe branquejavam na fronte, é que se derreteria o gelo que tanto tempo lhe pesara no coração?

Talvez elle proprio se interrogasse sobre a extranha commoção que o dominava, nova para os seus sessenta annos de vida isolada, e hesitasse em determinar-lhe a causa.

Recuava talvez n'aquelle momento deante da explicação que a consciencia lhe murmurava, e queria illudir-se sobre a fatal influencia a que cedia.

Grandes deviam ser os combates interiores que se travavam n'aquella alma forte de toda a vida accumulada durante uma juventude vazia de affectos.

O rosto recebia o reflexo d'essa lucta, assumindo alternadamente as mais diversas expressões; ora illuminavam-n'o os raios da esperança, outras vezes assombrava-o uma nuvem de desalento.

Preparava-se talvez mais uma victima para o longo martyrologio moral, menos que o outro celebrado em panegyricos, menos recompensado pela compaixão mundana; porque quando a vista do sangue, o flagellar das carnes e o estallar dos ossos não falla aos sentidos da multidão, não ha sentimentos para comprehender provações, lagrimas para chorar infortunios, ás vezes não menos dolorosos.

Os martyres obscuros das paixões morrem contendo em si mesmo os instrumentos da sua tortura. É o proprio coração que cingem do cilicio angustiante, é interior a lavareda que os consome; lá dentro se lhe prepara a cicuta que os ha de abrazar. Por isso só almas delicadamente perspicazes lhes assistem ao supplicio, só d'ellas, e bem poucas são, podem esperar os lamentos e as sympathias; das outras, em vez de lagrimas recebem muitas vezes os risos; em vez de alentos, motejos.

A multidão piedosa chora á vista das chagas sangrentas do Christo; mas não comprehende as intensas amarguras moraes d'aquelle espirito divino, que via a negação das suas sublimes idéas de paz e de amor no supplicio a que succumbia: afflige-a a corôa da irrisão pelo pungir dos espinhos que a formavam; mas não suspeita que outra angustia, mais acerba ainda, despertava no Martyr em quem a cingiram.

Almas martyrisadas, padecei soffrendo, succumbi sem um queixume; rir-se-hiam de vós se vos lamentasseis.

Vossos infortunios não são comprehendidos; mais vale occultal-os, como se tivesseis de envergonhar-vos d'elles.

Jacob Granada devia saber que tal seria o futuro d'aquella paixão, — e era paixão o que sentia em si? — se um dia aquellas revelações,

Mas fugiu co'a nova aurora
toda a nevoa da tristeza!
e já Cintra, a montanheza,
me sauda entre o arrebol.

Salvé, Cintra! salvé! Fira
no eccoar da serrania
este salvé da poesia,
sob os céos, que inunda o sol!

(*Primeiros Versos*) JULIO DE CASTILHO.

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

CARTAS Á FILHA

Que gosos te póde proporcionar um rico salão, em que raras vezes entrarás, e no qual poucas vezes receberás a visita das pessoas tuas amigas?

Mais vale uma sala alegre, simples, sem pretenção, em que se possa reunir a familia, e em que todas as visitas possam ser recebidas indistinctamente.

Petit à petit l'oiseau fait son nid — diz o proverbio francez.

Deve, pois, ser pouco a pouco, e sem exageros de despeza, que a tua casa se mobilará e se embellezará, não faltando, comtudo, desde os primeiros dias de installação, o que fôr indispensavel.

Um erro grave é o preparar com todos os requintes do luxo e da elegancia os aposentos em que só entram as pessoas extranhas, e de sacrificar a esse luxo e a essa elegancia o necessario nas outras divisões da casa.

Espero que não commettas semelhante erro, que provem unicamente da vaedade. Pensa, antes de tudo, no bem-estar dos teus, e, graças ao teu gosto e ao teu amor pela simplicidade, conseguirás preparar o interior da casa agradavel e dar-lhe um aspecto de felicidade, que nem sempre se nos depara em algumas casas sumptuosas e que são mal governadas.

Mais tarde te indicarei o que creio necessario para que attinjas o confortavel e os meios de obter certos requintes, accessiveis a todas as bolsas e que te proporcionem o modo de viver com uma elegancia relativa mas verdadeira.

Não me refiro á mobilia que deves comprar. Para isso aconselha te com um fornecedor consciencioso, e que seja um pouco artista. De resto, antes que te decidas a escolher o menor objecto, deves reflectir, estudar, comparar. Formarás assim o gosto e aperfeiçoarás a tua educação artistica. A arte e o gosto teem as suas regras e os seus principios; é preciso tratar de os conhecer. E n'esse particular será teu marido um excelle collaborador.

Mas desde já te peço que te livres da mania em voga, e que consiste em encher a casa de *bibelots*, sobretudo de *bibelots* horriveis, baratos, que tanto ferem a vista d'um artista nas nossas casas modernas.

UMA RECEITA

Nodoas em marmore.

Para tirar as nodoas da pedra *marmore de côr* ha estes dois processos:

1.º Duas partes de carbonato de soda, uma de pedra pomes em pó, uma de cal finamente pulverisada. Deite-se agua na cal, ajunte-se-lhe o carbonato e a pedra pomes, faça-se assim uma pasta, e esfregue-se com ella a pedra marmore. Lave se em seguida com agua e sabão.

2.º Uma pasta feita de branco de Hespanha e de benzina tira ao marmore as nodoas de gordura; e uma pasta formada de branco de Hespanha e de chloreto de cal estendida e que se deixe seccar ao sol, tira todas as manchas.

O *marmore branco* limpa-se assim:

Dissolva-se potassa em agua a ferver, e ajunte-se sabão. Quando esta mistura estiver fria faça-se uma amalgama com branco de Hespanha. Por meio de uma brocha applique-se esta substancia, e lave-se passados alguns dias. Se da primeira, não der resultado completo, repita-se a operação.

Para polir o marmore usa-se uma pasta espessa, feita de pedra pulverisada com azeite.

Não ha fibra direita no coração da mulher que bebeu a morte, e — peior que a morte — algumas dezenas de gallicismos no que por ahi se escreve e copia. O anjo da innocencia foge de certos livros, como os editores de certos authores.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

---

timidas ainda, do coração commovido chegassem a pronunciar o segredo que elle mesmo tremia de suspeitar.

O amor valer-lhe-hia uma condemnação.

Ceder-lhe — era perder-se; resistir — seria possivel?

Jacob Granada luctava, luctava como um desesperado, porque tinha consciencia do perigo. Mas a attracção era poderosa, a fascinação enleava-o, arrebatava o.

A força, com que resistia, devia tornar mais impetuosa a queda, se afinal chegasse a fraquear.

Absorvido por estes pensamentos, agitando no espirito a tremenda questão que o preoccupava, permeneceu immovel a contemplar Valentina, até que a viu caminhar, afastar-se, sumir-se por entre as arvores da alameda. Então, como se accordando sobresaltado de um profundo lethargo, olhou em roda de si e correu, com uma anciedade de allucinado, para o logar onde observara essa encantadora visão.

Foi sob o dominio de um extranho desassocego que pôde lêr as seguintes quadras que ahi encontrou escriptas:

Fugi, andorinhas; em mais longas plagas
Buscae outras praias, florestas e céo,
Que é triste o bramido que soltam as vagas,
E um vento presago nos bosques gemeu.

Fugi, namoradas das flôres e estrellas.
Olhae: estes campos sem flôres estão,
E cedo os espaços, á voz das procellas,
Sinistros, cerrados, sem luz ficarão.

Fugi, apressae-vos, alados viajantes,
Em bandos ligeiros os mares cruzae.
Por outros paizes, por selvas distantes,
Mais flôres e aromas, mais luz procurae.

Deixae estes montes, de neve c'roados,
As selvas despidas, e as folhas sem côr,
As grossas torrentes e os troncos quebrados,
E os valles cobertos de denso vapor.

E quando, mais tarde, na verde campina
As rosas voltarem com viço a florir,
E as serras, despidas da intensa neblina,
Virentes, formosas se virem surgir;

E quando deslizem na praia arenosa
Mais lentas, mais brandas, as vagas do mar,
E das laranjeiras de copa frondosa
Cahirem as flôres no chão do pomar;

E quando fugirem, informes, pesadas,
As nuvens sombrias que se erguem do sul,
Correndo dispersas e em floccos rasgadas
Nos plainos immensos de um limpido azul:

Voltae; nova quadra de amores vos chama,
Dos climas distantes p'ra estes parti;
Então tudo é vida, já tudo se inflamma,
Ha luz, ha perfumes, faltaes vós aqui!

Anniversarios da semana

Domingo 16 — As sr.as: Condessa de S. Mamede, Condessa de Villa Pouca, D. Leopoldina d'Azevedo Coutinho Mello e Carvalho, D. Maria do Carmo Monteiro Vaz, D. Perpetua Moreira Marques.

E os srs.: Conde de Samodães, Barão das Areias de Cambra, Paulo de Moraes Palmeira (Regaleira), Antonio de Carvalho Kopke.

Segunda-feira 17 — As sr.as: Condessa de Lagoaça, Baroneza de Samora Corrêa, D. Antonia Amalia Nobre Mourão (Bovieiro), D. Maria Ritta de Mendonça Gorjão, D. Maria Thereza da Silveira Lacerda.

E os srs.: Conde de Paraty, Estevam Falcão Cotta e Meneses (Azevedo), Fernando Schwalbach, Carlos Augusto Teixeira Diniz, Luiz de Andrade e Sousa.

Terça-feira 18 — As sr.as: Baroneza da Varzea do Douro, D. Margarida Manuel de Mendonça Corte Real (Atalaya), D. Candida Alves Ribeiro Trony, D. Laura de Castro Vieira, D. Magdalena de Mesquita.

E os srs.: Conde de Monsaraz, Dr. Philomeno da Camara Mello Cabral, Dr. Trindade Coelho, Faederico Maria Bessone, Antonio d'Oliveira Pinto da França, Frederico Pereira Felicio.

Quarta-feira 19 — As sr.as: Condessa de Caparica, D. Julia da Silva Saeches, D. Maria Rufina Lixa Inglezias, D. Justina Cancella de Seabra, D. Herminia Elisa de Senna Freitas, D. Maria Allen Archer, D. Maria Juliana Wan Zeller, D. Leonor Kopke Pimenta da Gama.

E os srs.: D. Vicente de Paula Zarco da Camara (Ribeira), Alexandre de Sampaio, Fernando Mousinho.

Quinta-feira 20 — As sr.as: D. Maria Thereza de Sousa Almeida e Vasconcellos (Alvaiazere), D. Leocadia da Guerra Quaresma, D. Maria da Piedade d'Oliveira Valle, D. Maria Emiliana de Castro da Silva Telles Rollin ih van Odyck, D. Maria das Dores Lacueva e Sousa, D. Ernestina Serzedello Pereira Lima.

E os srs.: Conde de Selir, D. José da Camara (Belmonte), João Augusto de Moura Telles Faria Blanc (Camarate), Dr. Luiz da Silva Athayde de Costa, Mauricio Carlos Martins d'Oliveira.

Sexta-feira 21 — As sr.as: Viscondessa do Cercal, D. Maria Helena Kopke (Massarellos), D. Maria da Gloria Manique de Vilhena, D. Cecilia Arrobas, D. Maria da Luz Barcellos Swart, D. Leonor Margarida de Carvalho Fonseca e Amaral.

E os srs.: João d'Avilla Ornellas Bruges (Praia da Victoria), Dr. José Fillipe d'Andrade Rebello, Candido Garcez Palha (Bucellas), Alvaro Augusto Teixeira (Vallado), José d'Avilez, Lzciano Cordeiro, Joaquim José Homem de Mello.

Sabbado 22 — Baroneza de S. Pedro, D. Maria do Castilho, D. Anna d'Albuquerque da Camara Lemes, D. Maria Luiza d'Avila, D. Maria Luiza de Vasconcellos Ornellas Larcher.

E os srs.: Manuel de Barros Saldanha (Villa Nova da Rainha), Antonio de Mesquita e Mello da Costa Macedo (Andaluz), João Carlos de Azevedo Coutinho Mello e Carvalho, Luiz Caetano Pedro d'Avila.

BIBLIOGRAPHIA

CANCIONEIRO DE MUSICAS POPULARES

Foi Garrett o primeiro e grande explorador da poesia popular portugueza, e se durante alguns annos esteve paralysada a faina, póde dizer-se que nos ultimos tempos tem sido bastante activo o movimento do *folklorismo* portuguez. Faltava todavia explorar e condensar a riqueza musical do nosso paiz. Algumas tentativas se teem feito, dignas de apreço e elogio, como a do sr. Adelino das Neves, mas nenhuma d'ellas alcançou os seus naturaes limites. Estava essa empreza reservada para os srs. A. Cesar das Neves e Gualdino de Campos, que, nos fasciculos publicados do *Cancioneiro de Musicas Populares*, já demonstraram quanto era o alcance da sua obra.

Os dois fervorosos e illustrados collectores tractam de archivar tudo que acharem disseminado nas classes populares, embora algumas ou bastantes d'essas cantigas estejam trahindo a sua origem erudita e technica. Mas isso mesmo merece applauso, porque nos revella a tendencia e aptidão popular para se apropriar, para assimilar para bem dizer, certas musicas, que mais sensibilisam e impressionam.

Em face do novo *Cancioneiro*, o critico d'arte poderá estudar e resolver os mais variados problemas, pondo em evidencia os themas originaes, o espirito creador do nosso povo, e ao mesmo tempo quaes as correntes artisticas que mais o influem.

Debaixo d'este ponto de vista o *Cancioneiro* é um thesouro inapreciavel e oxalá que a protecção do publico lhe não falte para que elle tome todo o desenvolvimento indispensavel a satisfazer a curiosidade dos archeologos musicaes. A alma lyrica portugueza vibrará in-

---

Voltae, que de novo serão florescentes
As selvas, os prados, o monte, os vergeis;
Quietas as brizas, as aguas dormentes
Nos lagos tranquillos de novo vereis.

Só eu, que vos sigo com vistas saudosas
Ao vosso desterro, dos mares além,
Já quando no prado brotarem as rosas,
Talvez não reviva co' as rosas tambem.

Ai, não, não revivo, que o vento do outomno
Gemendo angustiado nas brenhas do val,
Convida-me ao leito do placido somno
E as nénias entôa do meu funeral.

Eu morro! Na chamma do sol que declina
Bem sinto o presagio de um proximo fim.
Se um dia voltardes á nossa collina,
Ó dôces amigas! lembrae-vos de mim;

D'aquella, que, triste, vagando no olmedo
O adeus da partida vos veiu dizer.
Quem sabe das campas o occulto segredo?
Talvez vossos cantos eu possa entender.

Talvez que, ao ouvir-vos a queixa sentida,
Quebrando das noites a triste mudez;
A sombra dos cedros da escura avenida
Accordo, a escutar-vos ainda uma vez.

O doutor Jacob acabou de lêr estas quadras, apparentemente dictadas por uma intensa melancholia e por o desalento quebrantador d'aquelle espirito juvenil, e, como se quizesse obedecer a um pensamento fugitivo antes que a reflexão lh'o fizesse abandonar, escreveu immediatamente por baixo do ultimo verso d'esta poesia, que não pudera lêr com indifferença, as seguintes linhas:

«Voltarão as andorinhas e as flôres, e os sorrisos e as esperanças voltarão com ellas. O desalento aos vinte annos! o desalento quando se é joven e bella! Ephemera ficção.

«Emquanto se póde alimentar uma esperança, emquanto não é irrisorio todo o phantasiar futuros, a desventura é uma nuvem passageira, e através d'ella radia sempre a aurora de uma existencia melhor. Lamentar infortunios imaginarios e ter os olhos fechados para os infortunios irremediaveis que com uma palavra se fez nascer! Não. É preciso ao menos que o saiba. Mitigue-lhe o mal que a illude o saber que ha males maiores. Escute. Ha um homem que a ama, que lhe votou o mais verdadeiro culto que ainda sentiu no coração. E este sentimento, de que se ufana por ser o mais puro, o mais sagrado de quantos tem alimentado; esta paixão, que devia ser a sua gloria, causa o seu maior tormento. Desde que a confessasse, em vez de o respeitarem por a ter concebido tão elevada, tão nobre, tão ideal, eondemnal-o hiam ao desprezo e ao escarneo. Gloriando-se interiormente d'ella, o desgraçado não ousaria proclamal-a. A fatalidade persegue-o. Suffocar essa paixão que o devora e succumbir sem a esperança de que um dia o poderão lamentar.

(Continúa). JULIO DINIZ.

tensamente n'este livro, que será um dos monumentos mais curiosos da nossa sentimentalidade esthetica. Não será sómente o critico que se regosijará com esta obra; será egualmente o artista, que encontrará ali elementos iniciaes de inspiração; será finalmente o povo, que verá ali reproduzida a expressão mais vigorosa e terna das suas alegrias e das suas tristezas.

Saudando enthusiasticamente o *Cancioneiro* e recommendando-o sem lisonja aos nossos leitores, crêmos ter cumprido um dever.

OLIVEIRA DO HOSPITAL

O sr. Adelino d'Abreu acaba de publicar em volume alguns traços historico-criticos de Oliveira do Hospital, terra da sua naturalidade, e, sob o ponto de vista archeolcgico, das mais importantes da Beira.

O trabalho historico do sr. Adelino d'Abreu é precedido de uma carta do sr. Oliveira Martins.

N'essa carta diz o notavel historiador:

«Considerei sempre que um dos subsidios principaes para a historia geral do paiz consiste nas monographias locaes, onde se estuda a archeologia e a historia, as biographias e as tradicções, com os documentos á vista e á mão os archivos municipaes e particulares. Um corpo de monographias d'estas, relativas aos principaes concelhos do reino, formaria um thesouro de inestimavel valôr para o estudioso; ao mesmo tempo que serviria para arreigar nas localidades esse amor da terra, base natural e necessaria do sentimento mais abstracto a que se chama patriotismo.

Por aqui póde v. imaginar com que alvoroço e com que interesse eu li as folhas impressas da sua monographia de Oliveira do Hospital».

Estas palavras com a incontestavel auctoridade da pessoa que as firma são o maior elogio ao livro do sr. Adelino d'Abreu.

A edição é muito nitida e elegante, e illustrada com reproducções de paisagens e de monumentos historicos da localidade.

THEATROS E CIRCOS

Real Colyseu

Tem sido um verdadeiro deslumbramento a *Dança Serpentina*, executada no palco do Real Colyseu, por Miss Fuller.

Quem viu a gymnasta Geraldine n'este trabalho, ficou fazendo uma ideia muito remota do que seja esta nova dança, que em Paris, em Berlim e em Londres produziu tão grande enthusiasmo.

Toda a imprensa estrangeira elogiou Fuller. Um notavel poeta francez dirigiu-lhe versos, descrevendo assim a dança:

Déchirant l'ombre, et brusque, elle est là : c'est l'aurore!
D'un mauve de prélude enflé jusqu'au lilas,
S'etant taillé nes nuages en falbalas,
Elle se décolore, elle se recolore.
Alors c'est le miracle opéré comme un jeu:
Sa robe tout à coup est un pays de brume;
Et de l'alcool qui flambe et de l'encens qui fume;
Sa robe est un bûcher de lys qui sont en feu;
Dans ses chiffons en fleur du clair de lune infuse;
Ensuite il en émane une fraicheur d'écluse;
Et, comme l'eau tombant qui s'engendre de soi,
Les gazes ont jailli par chutes gradués;
Telle une cataracte aux liquides nuées.
Or, dans ces tourbillons, son corps s'est tenu coi:
Tour qui brule, hissant des drapeaux d'incendie;
Cep d'une vigne aux clairs tissus en espalier.
Un repos.

E o poeta continua, deslumbrado pelos effeitos maravilhosos da dança, que umas vezes transforma a bailarina n'uma enorme borboleta de azas multicôres, ora a transforma n'uma catadupa de luz e ouro, ora n'uma rosa colorida pelos raios do sol poente!

Que c'est presque un vitrail en fusion qui bouge,
Presque une eruption qui pavoise la nuit.

Fuller executa a dança serpentina n'uma camara forrada de negro. O salão está então quasi ás escuras. Quando a bailarina, ao som d'uma valsa delicada e lenta, surge no palco, é como uma apparição! Incidem sobre ella raios de luz de côres diversas, produzindo o tom *changeant* da sua tunica! E' na realidade admiravel!

O publico que assistiu á estreia de Fuller ficou maravilhado; e, no decorrer do bailado, rompeu em applausos, chamando no fim a graciosa artista ao proscenio, e fazendo-lhe uma enthusiastica ovação.

E, desde a noite da estreia até hoje, enche-se o theatro de espectadores, que se não cansam de admirar Fuller, e de assignalar o seu gracioso e incomparavel trabalho com bravos e salvas de palmas repetidos.

A companhia de zarzuella, que não teve uma recepção muito auspiciosa, tem ultimamente agradado, e é ouvida com attenção e com applausos.

No corpo de baile Fuensanta continua a ser admirada. Na dança flamenca dos *Toros de Puntas*, a insigne dançarina foi muito apreciada. E' n'aquelle genero de dança andaluza que mais se distingue Fuensanta; e na graça dos seus requebros nenhuma a excede e difficilmente a eguala.

*

Colyseu dos Recreios

A companhia italiana tem em scena a operetta *Lili*.

A musica d'esta peça é mimosa e agrada. O desempenho, que está confiado a Adelina Tani, Navarini e Marchesi, tem sido muito applaudido.

*

Trindade

Continuam n'este theathro as recitas *Brazileiro Pancracio*.

*

Praça de touros

Na quinta-feira, corrida em que se apresentou insigne espada Luiz Manzzantini.

O nome d'este artista é sufficiente para attrahir á praça os verdadeiros *afficcionados;* e foi o que succedeu na quinta-feira.

Elegancia de figura, destreza, arrojo e correcção no trabalho, com todas estas qualidades tem Mazzantini conseguido uma carreira gloriosa na arte do toureio.

A corrida foi bôa, e os admiradores do famoso espada fizeram-lhe uma calorosa ovação.

Hoje, deve trabalhar o espada Faico, acompanhado da sua quadrilha de bandarilheiros. E' cavalleiro Fernando de Oliveira.

Na quinta-feira proxima, apresenta-se Guerrita, que nas praças de Hespanha é hoje considerado um dos mais notaveis artistas. Já a epocha passada, pelas ovações que lhe fez o publico da Praça do Campo Pequeno, teve elle occasião de avaliar o apreço em que é tido entre nós.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

JERONYMO MARTINS & F.º

13, RUA GARRETT, 15

CHAMPAGNE-POMMERY

ESPECIALIDADES:

QUEIJOS CAMEMBERT E ROQUEFORT

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio. A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1